

O GANHO DO RECUO

A colheita de quem sabe se retirar

Ainor Francisco Lotério

Quando sustentar deixou de ser vocação e virou hábito, recuar em silêncio devolve a quem se entrega algo maior do que aquilo que ele deixou de segurar: devolve a própria vida.

Há um momento na vida de quem sempre sustentou situações, pessoas e instituições em que se descobre uma verdade incômoda e libertadora ao mesmo tempo: o recuo não é apenas custo, é também colheita. Quem só enxerga o preço do afastamento ainda está medindo a própria existência pelo que entrega aos outros. Quem começa a enxergar o ganho já iniciou a travessia para medir a vida pelo que reencontra em si.

Recuar não é perder espaço, é recuperar tempo. Todo espaço que se ocupava sustentando o outro era tempo que não se dedicava a si mesmo. Ao se retirar, quem sustentava não fica com as mãos vazias, fica com as mãos livres, e mãos livres são as únicas capazes de receber algo novo. O vazio que incomoda quem ficou dependente é, para quem recua, o primeiro sinal de um espaço interior que volta a lhe pertencer.

Há uma distinção que precisa ser feita com a mesma firmeza de antes: recuar não é fugir da responsabilidade, é reconhecer que a responsabilidade sobre a própria vida também é uma vocação, e talvez a mais adiada de todas. Enquanto se sustentava tudo ao redor, essa vocação ficava em segundo plano, disfarçada de virtude. O ganho do recuo é justamente essa reordenação: a virtude deixa de ser sacrifício permanente e volta a ser escolha livre, feita a partir da própria plenitude, e não da própria exaustão.

É aqui que a Pedagogia da Ausência revela seu fruto mais generoso. Ausência não é apenas formação para quem fica, é também colheita para quem se retira: quem se ausenta das funções que exercia reencontra, na falta delas, partes de si que a função havia encoberto. O mesmo se dá com a Pedagogia do Silêncio: quem deixa de explicar cada gesto ganha, além do respeito pela descoberta alheia, o próprio silêncio como espaço de escuta interior, algo que a explicação constante jamais permitiu.

A Escritura também nomeia esse ganho. Em Eclesiastes 3,1, lê-se: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu." O recuo, lido assim, não é exceção à ordem das coisas, é parte dela: há tempo de sustentar e há tempo de ser sustentado, até que se sustente a si mesmo. Em Salmos 23,2 e 3, a promessa confirma o ganho: "Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas.

Refrigera a minha alma." Refrigério não é ausência de vida, é vida restaurada, e restauração só chega a quem aceita deitar-se em vez de continuar de pé, sustentando.

O ganho tem, de fato, uma medida distinta daquela do preço, e reconhecer isso não diminui o valor do que foi entregue antes. Quem recua não perde a identidade construída ao sustentar, apenas descobre que essa identidade era menor do que a pessoa inteira que a carregava. Quem fica não perde a presença que tinha, ganha a oportunidade de amadurecer sem ela. Por isso o recuo verdadeiro não precisa de aplauso nem de justificativa: ele já colheu, antes de qualquer reconhecimento externo, o próprio descanso, e sabe que esse descanso é semente do bem celestial que nenhuma posse terrena consegue comprar.

Na lavoura, sabe-se que a terra em pousio não apenas descansa, ela se prepara para produzir mais do que produzia antes do descanso. O agricultor experiente não teme o período sem colheita visível, porque conhece o ganho invisível que a terra acumula em silêncio. O recuo é esse pousio da alma: não é ausência de fruto, é armazenamento de fruto, para que a próxima entrega, quando vier, nasça de solo restaurado e não de solo exaurido. É assim que o "pó da terra" de que fomos formados (Gênesis 2,7) deixa de ser apenas lembrança da origem e passa a ser promessa de nova safra.

Quem recua com essa consciência não carrega culpa, porque reconhece que sustentar a si mesmo também é sustentar o mundo ao redor, ainda que de outra forma. É justamente por reconhecer esse ganho que o recuo deixa de ser gesto solitário e se torna gesto fecundo: devolve ao outro a chance de crescer por conta própria, e devolve a quem recuou a chance de viver, finalmente, aquilo que sempre ofereceu aos outros e raramente reservou para si.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Eclesiastes 3,1; Salmos 23,2-3; Gênesis 2,7.

LOTÉRIO, A. F. O preço do recuo. www.ainor.com.br.

SOBRE O AUTOR

Ainor Francisco Lotério é engenheiro agrônomo, filósofo e teólogo, criador da Agrosafia e desenvolvedor da Agroteologia. Mestre em gestão de políticas públicas, dedicou quatro décadas à extensão rural, à administração pública e ao cooperativismo, e hoje se dedica à escrita, à palestra e ao Sítio Agrosafia, em Camboriú, Santa Catarina.

PARA PALESTRAS E CURSOS

ainorfloterio@gmail.com | WhatsApp (47) 99967-5010

